



Jorge de Sena nasceu em Lisboa (02-11-1919) e faleceu em Santa Barbara (04-06-1978), Califórnia. Frequentou o curso de Engenharia Civil na

Faculdade de Engenharia do Porto, tendo trabalhado entre 1948 e 1959 como engenheiro na Junta Autónoma das Estradas. Partiu em 1959 para o Brasil, fazendo o doutoramento em 1964 na área de literatura portuguesa. No ano seguinte parte para os Estados Unidos, leccionando primeiro em Wisconsin e, a partir de 1970, na Universidade da Califórnia em Santa Barbara. Em 1977 recebeu o Prémio Internacional de Poesia Etna-Taormina. A nível literário, Jorge de Sena, esteve ligado aos Cadernos de Poesia com José Blanc de Portugal, Rui Cinatti, entre outros. A par da sua escrita poética e ficcional, há a salientar os estudos teóricos sobre literatura portuguesa e inglesa, em especial aqueles que se referem a Camões e a Fernando Pessoa.

Fevereiro 2017
Manter ao alcance e à vista das crianças e adultos

A BULA[®]
Comprimidos Literários



Este folheto contém informação importante para si. Leia-o atentamente.

COMPRIMIDO I

Cidade

Imensa, troglodítica, ambiciosa,
vai a cidade até à praia;
perdeu no campo as rochas cor-de-rosa,
e o mar, se a busca, evita-a, não desmata,
antes se ergue negro contra o desconforto.
O rio leva casas debruçadas
que já, com o tempo, foi cavando em arcos
de perfil sem cal, inclinado e morto...
e leva também barcos.

No céu, as nuvens correm desviadas,
enquanto o Sol, em dardos, sobre o mar se
[crava.

Não era a mãe nenhuma das mulheres,
Falavam tranquilas;
quase não vivera,
tão pequeno ainda.
E, rio acima, iam subindo barcos,
hora a hora menores,
na distância tão grande,
que alisava as águas.

Dia de Sol

COMPRIMIDO II

COMPRIMIDO III

Independência

Recuso-me a aceitar o que me derem.
Recuso-me às verdades acabadas;
recuso-me, também, às que tiverem
pousadas no sem-fim as sete espadas.

Recuso-me às espadas que não ferem
e às que ferem por não serem dadas.
Recuso-me aos eus-próprios que vierem
e às almas que já foram conquistadas.

Recuso-me a estar lúcido ou comprado
e a estar sozinho ou estar acompanhado.
Recuso-me a morrer. Recuso a vida.

Recuso-me à inocência e ao pecado
como a ser livre ou ser predestinado.
Recuso tudo, ó Terra dividida!

COMPRIMIDO IV

Humanidade

Na tarde calma e fria que circula
por entre os eucaliptos e a distância,
olhando as nuvens quase nada rubras
e a névoa consentida pelos montes,
névoa não subindo por não ser
fumo da vida que trabalha e teima,
e olhando uma verdura fugitiva
que a noite do céu queima tão depressa,
esqueço-me que há gente em cada parte,
gente que, de sempre, sofre e morre,
e agora morre mais ou sofre mais,
esqueço-me que a esperança abandonada,
a não ser de ninguém, é sempre minha,
esqueço-me que os homens a renovam,
que o fumo dos seus lares sobe nos ares...
Esqueço-me de ouvir cheirar a Terra,
esqueço-me que vivo... E anoitece.

COMPRIMIDO V

Metamorfose

Para a minha alma eu queria uma torre como
[esta,
assim alta,
assim de névoa acompanhando o rio.

Estou tão longe da margem que as pessoas
[passam
e as luzes se refletem na água.

E, contudo, a margem não pertence ao rio
nem o rio está em mim como a torre estaria
se eu a soubesse ter...

uma luz desce o rio
gente passa e não sabe
que eu quero uma torre tão alta que as aves
[não passem
as nuvens não passem
tão alta tão alta
que a solidão possa tornar-se humana.

COMPRIMIDO VI

Glória

Um dia se verá que o mundo não viveu um
[drama.

Todas estas batalhas, todos estes crimes,
todas estas crianças que não chegaram a
[desdobrar-se em carne viva
e de quem, contudo, fizeram carne viva logo
[morta,

todos estes poetas furados por balas
e todos os outros poetas abandonados pelos
[que
nem coragem tiveram de matar um homem,
toda esta mocidade enganada e roubada
e a outra que morreu sabendo que a
[roubavam,
todo este sangue expressamente coalhado
à face íntegra da terra,
tudo isto é o reverso glorioso do fundar dos
[erros.

Um dia nos libertaremos da morte sem deixar
[de morrer.

OS TRABALHOS E OS DIAS

Sento-me à mesa como se a mesa fosse o mundo inteiro
e principio a escrever como se escrever fosse respirar
o amor que não se esvai enquanto os corpos sabem
de um caminho sem nada para o regresso da vida.

À medida que escrevo, vou ficando espantado
com a convicção que a mínima coisa põe em não ser nada.
Na mínima coisa que sou, pôde a poesia ser hábito.
Vem, teimosa, com a alegria de eu ficar alegre,
quando fico triste por serem palavras já ditas
estas que vêm, lembradas, doutros poemas velhos.

Uma corrente me prende à mesa em que os homens comem.
E os convivas que chegam intencionalmente sorriem
e só eu sei porque principiei a escrever no principio do mundo
e desenhei uma rena para a caçar melhor
e falo da verdade, essa iguaria rara:
este papel, esta mesa, eu apreendendo o que escrevo.

Comprimidos Literários de Jorge de Sena (seleção de Gilda da Conceição Santos da obra Coroa de Terra (1946) dedicada à cidade do Porto e ao poeta Ribeiro Couto)

Ilustração de Abigail Ascenso

5

Titular da Autorização de Introdução no Mercado e Fabricante: www.correiodoporto.pt

Este folheto foi aprovado pela última vez no dia 31 de janeiro de 2017